

Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Especialização em História da Cultura e da Arte

**A TRANSFORMAÇÃO DO ESPAÇO DA COZINHA NAS
RESIDÊNCIAS
BELO HORIZONTE, 1970-2010**

Belo Horizonte
2010

JUCELY DE SOUZA PANCRÁCIO DOS SANTOS

**A TRANSFORMAÇÃO DO ESPAÇO DA COZINHA NAS
RESIDÊNCIAS
BELO HORIZONTE, 1970-2010**

Trabalho Final do Curso de Especialização em
História da Cultura e da Arte do Departamento
de História da Universidade Federal de Minas
Gerais.

Orientador: José Newton Coelho Meneses

Belo Horizonte
2010

RESUMO

O artigo apresenta o resultado de uma investigação sobre a transição do espaço cozinha para o "estar" das moradias nos dias atuais. Objetiva avaliar a modificação ocorrida na cozinha, em relação à concepção física do espaço e sua localização. O espaço cozinha, que já havia se transferido para o interior das residências sofre nova mudança, indo se instalar junto ao "estar" das edificações. O artigo busca através das imagens usadas em publicidade dos empreendimentos imobiliários atuais e das décadas de 1970 a 1980, em Belo Horizonte, identificar esta transformação e retratar o momento em que a cozinha passa a receber novas nomenclaturas como cozinha do uso diário, espaço gourmet, cozinha com varanda gourmet ou cozinha avançada. Pressupõe-se que a cozinha deixa de ser "a zona de serviço" nas moradias para se tornar um espaço definitivo de convivência e sociabilidade.

Palavras Chave: cozinha, espaço doméstico, sociabilidade doméstica.

ABSTRACT

The article introduces the result of the investigation about the transition of kitchen space to "living" in nowadays homes. Intend to analyze the modification that happens in kitchen, in relation of physical space and localization conception. The kitchen space, which has already transferred to inside home, suffers a new change, now being together with living in edifications. The article intends, trough images used in real estate companies publicity today and in the ancient decade of 1970 and 1980 in Belo Horizonte, to identify this transformation and show the moment that kitchen receives new names as daily kitchen, gourmet space, balcony gourmet kitchen or advanced kitchen. So, conclude that kitchen is no more a "service place", but becomes a new sociable and intercourse place.

Keywords: Kitchen, domestic space, domestic sociable.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
O ESPAÇO COZINHA DE ANTES.....	6
O APARTAMENTO	10
CONSIDERAÇÕES FINAIS	22

INTRODUÇÃO

Jean Louis Flandrin descreve que os historiadores da pré-história parecem admitir que, no início, com a descoberta do fogo, ele foi utilizado para cocção dos alimentos e só bem mais tarde foi empregado para outros fins. Afirmar que a cozinha faz o homem e que tanto um como outro têm mais de 500 mil anos, é um passo.¹ Antes não havia um espaço definido para a alimentação, se cozinhava e comia-se em qualquer lugar. Séculos e séculos se passaram e a cozinha ganhou um compartimento dentro das moradias. E este compartimento será o nosso objeto de investigação. Cozinha tem origem do latim "*cocina*" segundo Ferreira.² Cozinha é o "compartimento da casa onde se preparam os alimentos" conforme definição de Silveira Bueno.³ A cozinha se desenvolve em torno do fogão. O espaço cozinha é o centro de interesse das moradias, pois é, onde acontece a primordial preocupação dos moradores - a alimentação. É o ambiente de sobrevivência das residências. Este espaço se enquadrava, conforme Carlos Lemos, no esquema funcional de uma moradia normal, como "zona de serviço".⁴ As alterações que se passaram nas cozinhas, quando elas se transferem para o interior das moradias serão abordadas de uma forma menos aprofundada. Dentro do possível, procuraremos seguir uma ordem cronológica das transformações deste espaço, investigando as cozinhas de antes e as atuais. É importante nos atentarmos também para o "modus vivendi" de outrora com o de agora, para talvez compreendermos as influências inevitáveis da transformação do espaço cozinha. Para alcançar estes objetivos propostos, a metodologia empregada foi a pesquisa bibliográfica, análises de plantas residenciais das décadas de 1970 a 1980 e dos lançamentos imobiliários de 2010.

¹ FLANDRIN, Jean Louis; MONTANARI, Máximo. História da Alimentação. Tradução Luciano Vieira Machado; Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo: Editora Estação Liberdade Ltda, 1998. p.30.

² FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. p. 493.

³ BUENO, Francisco da Silveira. Minidicionário da língua portuguesa. ed. rev. e atual. São Paulo: Editora FTD S.A., 2000. p. 204.

⁴ LEMOS, Carlos A. C. Cozinhas, etc. Um estudo sobre as zonas de serviço da casa paulista. 2. ed. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1978. p.15.

O ESPAÇO COZINHA DE ANTES

A cozinha, como espaço doméstico, no Brasil, é herança da colonização portuguesa. Conforme Carlos Lemos,⁵ os portugueses trouxeram seus hábitos e costumes culinários, que pouco a pouco, se foram diluindo na mistura de culturas processadas na Colônia. Em Minas Gerais, que no século 18, recebeu um grande número de portugueses, sofreu uma grande influência dos costumes lusitanos no que diz respeito às cozinhas, porém com o passar do tempo esses costumes não se fixaram e não chegaram a criar raízes nesta nova terra.⁶

As diferenças climáticas foram fatores preponderantes para as mudanças ocorridas nos costumes portugueses, como por exemplo, a transferência do fogo interno para o exterior das moradias. Nos trópicos, passou-se então, a cozinhar no quintal conforme costume indígena e a comer nas varandas frescas. A cozinha branca escolheu o quintal e a cozinha do escravo ou mestiço forro se transferiu para dentro das moradias. O elemento servil era o elo de união destas duas cozinhas.⁷

No início século 19, temos notícias dessas cozinhas nos quintais, longe das moradias. Cozinha separada, no alpendre posterior, cozinha em puxado. Sempre a cozinha menosprezada, lugar dos negros.⁸ A cozinha não era importante, situava-se em espaços mal construídos, de pouca durabilidade, diferentes das construções sólidas da casa-grande. Portanto, os achados arquitetônicos encontrados dessa época, eram de casas sem cozinhas, porque estas não resistiram e caíram por terra, tornando difícil legitimar informações a respeito das construções dessas cozinhas.⁹ Havia muitos motivos e explicações, que determinavam o estabelecimento da cozinha afastada das moradias. Além do fator climático, havia a presença do fogão à lenha gerando fumaça, deixando os ambientes enegrecidos pela fuligem e provocando incômodo nos moradores. Os diversos odores de comida, a falta de

⁵ LEMOS, Carlos A. C. Cozinhas, etc. Um estudo sobre as zonas de serviço da casa paulista. 2. ed. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1978. p. 31.

⁶ LEMOS, Carlos A. C. Cozinhas, etc. Um estudo sobre as zonas de serviço da casa paulista. 2. ed. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1978. p. 31-33.

⁷ LEMOS, Carlos A. C. Cozinhas, etc. Um estudo sobre as zonas de serviço da casa paulista. 2. ed. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1978. p. 51-52-67.

⁸ LEMOS, Carlos A. C. Cozinhas, etc. Um estudo sobre as zonas de serviço da casa paulista. 2. ed. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1978. p. 67.

⁹ LEMOS, Carlos A. C. Cozinhas, etc. Um estudo sobre as zonas de serviço da casa paulista. 2. ed. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1978. p. 63-69.

abastecimento de água encanada e a sujeira do ambiente também colaboraram, para que a cozinha permanecesse retirada das moradias.

Nos fundos, estava a cozinha, com fogão de lenha e abertura para outra varanda, [...]. Na parte posterior da residência, uma extensão em L abrigava a parte dos serviços, e principalmente a cozinha, que tem na porta de saída uma bica com água trazida dos regos próximos. Na cozinha, sobre o fogão à lenha, ficavam as panelas de ferro e pedra, e os tachos de cobre ou latão, [...]. (ROMEIRO, 2003 p.158).¹⁰

O asseio e a higiene no espaço cozinha desse período eram bastante comprometidos. A falta de água encanada dificultou muito as atividades higiênicas. Lemos,¹¹ nos conta, que nas cozinhas, as águas de lavagens escorriam pelo chão, detritos e sobras ficavam espalhados e as galinhas vinham ciscar transformando-o em um compartimento imundo. E com tudo isto ainda havia o "comportamento das índias dentro das cozinhas, fazendo com a maior candura as maiores sujeiras na preparação da comida." (LEMOS, 1978, p. 38).

Gilberto Freyre¹² escreve que a cozinha da casa-grande brasileira dos tempos coloniais não foi decerto nenhum exemplo de higiene. Mawe¹³, Luccock¹⁴, referem-se com repugnância à imundice das cozinhas que conheceram no Brasil.

Em Sobrados e Mucambos, de Gilberto Freyre, há um relato, que quando se procuravam os escravos fugidos das casas burguesas, alguns anúncios davam ênfase que esses escravos "estavam imundos por serem cozinheiros" ou "se ocuparem da cozinha."¹⁵

E quase repetindo o velho Paula Cândido: "[...] e sempre esse exgotto (*sic*) na cozinha, essa sujeira bem junto à preparação dos alimentos quotidianos, tendo ao lado uma área, lugar infecto, nauseabundo, onde os despejos aglomerados (*sic*) produzem toda a sorte de miasmas." (FREYRE, 1961, p. 209).

¹⁰ ROMEIRO, Adriana; VIANNA, Ângela, Botelho. Dicionário histórico das Minas Gerais. Período colonial. 1. ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2003. p. 158-159.

¹¹ LEMOS, Carlos A. C. Cozinhas, etc. Um estudo sobre as zonas de serviço da casa paulista. 2. ed. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1978. p. 36.

¹² FREYRE, Gilberto. Casa grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 51. ed. rev. São Paulo: Global Editora, 2006. p. 550.

¹³ MAWE, John. Viagens ao interior do Brasil (1807-1810). Trad. São Paulo; Belo Horizonte, Edusp; Itatiaia, 1978.

¹⁴ LUCCOCK, John. Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil (1808-1818). Trad. São Paulo; Belo Horizonte, Edusp; Itatiaia, 1975.

¹⁵ FREYRE, Gilberto. Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano. 3. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1961. p. 208.

Em Famílias e Vida Doméstica, Leila Algranti,¹⁶ relata que com o passar do tempo, os próprios espaços foram reequacionados no interior das moradias. As cozinhas passaram a integrar o corpo da casa, após terem sido erguidas no seu exterior. A moradia se modifica. A arquitetura, o mobiliário, os utensílios, tudo se transforma lentamente, e é com a cozinha que se permite avaliar como se deu esta passagem. De um costume ao outro, encontramos casas com duas cozinhas: a "limpa" dentro de casa e a "suja" ainda do lado de fora. "A verdade é que, a partir do início do século 19, vemos referências, constantemente, a duas cozinhas, referências que vão se avolumando até os dias de hoje." (LEMOS, 1978, p. 102).

Sylvio Vasconcellos,¹⁷ menciona que a cozinha começa a se tornar importante, ocupando os fundos do primeiro pavimento das moradias, mas sem receber tratamento adequado. Chão de terra batida, desnivelado, cheios de poças d'água, fogão e forno de barro, sem forro, água numa bica ou torneira já fora, perto da porta de saída.

Com o deslocamento da cozinha para o interior das residências observamos segundo Leila Algranti,¹⁸ que as casas dos homens livres e mais humildes no campo e na cidade, consistiam apenas de um ou dois cômodos, nos quais se dormia, cozinava e trabalhava. Na verdade esta cozinha, que nunca mudou de continente e nunca trocou de latitude, sempre permaneceu no interior das moradias, fazendo do fogão elemento de cocção e aquecimento dos moradores.¹⁹ Nas moradias dos indivíduos mais privilegiados, com mais cômodos, a cozinha e o alpendre se instalavam no final, que davam para o quintal. "Esse era o padrão geral para quase todo o país." (ALGRANTI, 1997, p. 99). Conforme Leila Algranti²⁰ quando a moradia era um sobrado, o último andar era reservado para a cozinha. As refeições então

¹⁶ ALGRANTI, Leila Mezan. "Famílias e vida doméstica". In: NOVAIS, Fernando A. (coord.); SOUZA, Laura de Mello e (org.). História da vida privada no Brasil. Cotidiano e vida privada na América Portuguesa. vol. 1 10. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 102.

¹⁷ VASCONCELLOS, Sylvio de. Arquitetura, arte e cidade: textos reunidos. Belo Horizonte: Editora BDMG Cultural, 2004, p. 31.

¹⁸ ALGRANTI, Leila Mezan. "Famílias e vida doméstica". In: NOVAIS, Fernando A. (coord.); SOUZA, Laura de Mello e (org.). História da vida privada no Brasil. Cotidiano e vida privada na América Portuguesa. vol. 1 10. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 99.

¹⁹ LEMOS, Carlos A. C. Cozinhas, etc. Um estudo sobre as zonas de serviço da casa paulista. 2. ed. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1978. p. 53.

²⁰ ALGRANTI, Leila Mezan. "Famílias e vida doméstica". In: NOVAIS, Fernando A. (coord.); SOUZA, Laura de Mello e (org.). História da vida privada no Brasil. Cotidiano e vida privada na América Portuguesa. vol. 1 10. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 101-103.

começam a se transformar em momentos de reunião familiar e a praticidade da localização da cozinha no interior das moradias tornava-se necessária. Mas há uma nova vertente, talvez justificando a localização da cozinha no fim das moradias.

Nas casas de Minas, a cozinha ficava no fim da casa. Ficava no fim não por ser menos importante, mas para ser protegida da presença de intrusos. Cozinha era intimidade. E também para ficar mais próxima do outro lugar dos sonhos, a horta-jardim. Pois os jardins ficavam lá atrás. [...] na cozinha a gente era a gente mesmo, fogo, fome e alegria. (ALVES, Correio Popular, caderno c).²¹

É interessante pensar que a varanda, sempre um cômodo grande, continua sendo o centro das atenções das moradias - seria o local de estar da família, neste momento da história, ainda século 19. Com o passar do tempo, desaparecem as mucamas, os moleques de recado, os vários empregados e só resta a cozinheira, conforme Lemos.²²

No início do século 20, a preocupação com a higiene começa a tomar corpo, e em todas as construções da época, persistiam as preocupações relativas ao arejamento das cozinhas.²³ Com o decorrer das décadas, no lugar da varanda, transformada em sala de jantar, de pouco uso, surge outro compartimento da casa brasileira - a copa - que se firmou como o novo centro de interesse da moradia, onde o lazer e o trabalho culinário doméstico coabitam. É um espaço de origem erudita, que a nossa arquitetura colonial, não conheceu. A copa era anexada à cozinha, às vezes, não existindo entre ambas, separação alguma, quando muito um arco largo. Com isto a velha varanda foi desaparecendo, inclusive o uso da palavra, firmando-se a expressão "sala de jantar", conforme Lemos.²⁴ Começamos assim a perceber uma tênue aproximação da família ao espaço cozinha. Com as transformações ocorridas neste espaço, o asseio, a higiene, o surgimento da eletricidade, de fogões a gás, das geladeiras, dos eletrodomésticos, do mobiliário, inicia-se, então, um novo olhar, para um ambiente que outrora inspirava nojo, fazendo um contraponto, por ser um ambiente de garantia de sobrevivência.

²¹ ALVES, Rubem. A casa de Rubem Alves. Correio Popular, caderno C. Acesso em: 29 ago. 2010.

²² LEMOS, Carlos A. C. Cozinhas, etc. Um estudo sobre as zonas de serviço da casa paulista. 2. ed. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1978. p.134-138.

²³ LEMOS, Carlos A. C. Cozinhas, etc. Um estudo sobre as zonas de serviço da casa paulista. 2. ed. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1978. p.140.

²⁴ LEMOS, Carlos A. C. Cozinhas, etc. Um estudo sobre as zonas de serviço da casa paulista. 2. ed. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1978. p.149-150.

O APARTAMENTO

Lemos,²⁵ nos conta que as nossas metrópoles passaram a conhecer o espantinho da "degradante" habitação coletiva, a qual constituía uma solução não muito agradável, para a burguesia impossibilitada de morar como realmente desejava. A diminuição do poder aquisitivo, o aumento populacional e a saturação das zonas centrais fizeram surgir o apartamento. Prédio de habitação coletiva, que inicialmente fora planejado e construído sem critério de normalização, dado o caráter da novidade. Segundo Carlos Lemos²⁶ esta forma de morar para o brasileiro, era um novo modo de vida. O apartamento não era a casa isolada que necessitava de criadagem para funcionar e também não chegava a ser uma unidade habitacional que não dependia da ajuda doméstica remunerada. Era necessário oferecer à classe média uma moradia apta, em tudo, para substituir a casa isolada. Com o sacrifício de se morar desta nova forma, o máximo de conforto era priorizado, aliado ao mínimo de promiscuidade. Havia o preconceito da habitação coletiva. Segundo Lemos,²⁷ as unidades habitacionais coletivas, deste período, eram oferecidas como moradia completa, com copa e cozinha, salas de jantar, de visitas e com acomodações para os empregados, como casa de família, casa de respeito, para romper com o preconceito. Mas isto aconteceu pelo menos há uns oitenta anos atrás. Hoje o apartamento é visto sem reservas, dando margem a uma indústria rendosa, que é incorporação dos condomínios. Ele caracteriza-se pela dupla entrada, pela previsão de dois acessos, o nobre e o de serviço e pela instalação de elevadores separados, para cada caso. Não se tolerava na época um único acesso à cozinha através da sala de visitas, e essas diferenciações constituem um luxo, porque demandam gastos com áreas comuns. As dimensões dos apartamentos foram, em geral, diminuindo paulatinamente com o tempo, porém esta redução não aconteceu e não acontece com os oferecidos à classe A. Este novo modo de morar veio tornar a vida das famílias mais fácil, dispensando os empregados constantes, devido à diminuição ou o desaparecimento dos compartimentos das moradias, como jardins e quintais. Mas o problema da comida persiste e é ele que inclui,

²⁵ LEMOS, Carlos A. C. Cozinhas, etc. Um estudo sobre as zonas de serviço da casa paulista. 2. ed. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1978. p.154-155.

²⁶ LEMOS, Carlos A. C. Cozinhas, etc. Um estudo sobre as zonas de serviço da casa paulista. 2. ed. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1978. p.161.

²⁷ LEMOS, Carlos A. C. Cozinhas, etc. Um estudo sobre as zonas de serviço da casa paulista. 2. ed. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1978. p.158-162 *passim*

contrariando a vontade de todos, as dependências de serviço nos apartamentos e a previsão do quarto de empregada. Ainda nos anos 1970 a cozinha era vista com reservas, não sendo mencionada claramente, mas como instalações (figura 1), nos lançamentos imobiliários direcionados à faixa da população com maior poder aquisitivo. Com os levantamentos imobiliários das décadas de 1970 e 1980 podemos comprovar o que foi mencionado anteriormente.

Morar bem é muito importante:
MANGABEIRAS
ED. PABLO PICASSO
Rua Bambuf, 752

Venha para o Mangabeiras viver toda a beleza de uma vista maravilhosa. Prédio de alto luxo, fachada em mármore, terraços e varandas, play-ground. Apartamentos prontos para morar. 4 quartos com armários, 2 amplas salas, 2 banhos sociais, instalações e quarto de empregada. Sinfecados, gás canalizado e garagem coberta para 2 carros.

Preços:
A partir de Cr\$ 450.000,00
Sinal 20.000,00
60 dias 25.000,00
Saldo mensal 6.418,80

Plantão de vendas no local.

Uma construção
COPAM-Engenharia e
Comércio Ltda.

PORTAL
LANÇAMENTOS IMOBILIÁRIOS
Av. Afonso Pena, 2.484 - Fones: 222-0989 - 222-9978

Figura 1: A cozinha neste anúncio é mencionada como instalações.

Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa.

JORNAL ESTADO DE MINAS - OUTUBRO DE 1975.

A cozinha continua sendo considerada o lugar onde reina a empregada doméstica. O lugar que tem sua entrada separada da entrada social (figura 2). Nas décadas de 1970 e 1980 não se tolerava o único acesso à cozinha através da sala de estar.

Inconscientemente a empregada, ainda é a escrava de presença desagradável.²⁸ Conforme Carlos Lemos, enquanto as refeições forem preparadas com matéria-prima adquirida nos mercados exigindo trabalhosa manipulação, enquanto houver panelas e pratos por lavar, enquanto existirem nas pias das cozinhas o sabão, o sapólio e a palha de aço, a dona de casa brasileira rogará pelo auxílio da empregada doméstica.

Eu acho que nosso costume de fazer cozinhas isoladas do resto da casa é uma reminiscência dos tempos em que elas eram lugar de cozinheiras negras escravas, enquanto as sinhás e sinhazinhas se dedicavam, em lugares mais limpos [...] (ALVES, Correio Popular, caderno c).²⁹



Figura 2: Planta de Apartamento com duas entradas social e serviço, cozinha, dependência completa de empregada (D.C.E.), área de serviço.

Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa.

JORNAL ESTADO DE MINAS - AGOSTO DE 1970.

²⁸ LEMOS, Carlos A. C. Cozinhas, etc. Um estudo sobre as zonas de serviço da casa paulista. 2. ed. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1978. p.160.

²⁹ ALVES, Rubem. A casa de Rubem Alves. Correio Popular, caderno C. Acesso em: 07 nov. 2010.

É na cozinha que vão surgindo os aparelhos e os fogões elétricos ou a gás.³⁰ Na verdade a cozinha desempenhou um papel decisivo para o sucesso dos produtos industriais. Funcionou como um verdadeiro laboratório para a produção da indústria no início do século 20. Muitos produtos foram testados em nome da praticidade, da higiene, do conforto, da agilidade e da segurança de uso.³¹ A cozinha agora já recebe um novo olhar.

Na figura 3, podemos perceber a cozinha vinculada à área de serviço. Com a entrada de serviço acontece uma circulação independente, e novamente a cozinha surge como um elemento de segmentação, promovendo o afastamento dos moradores. A cozinha tem ligação com a sala de jantar e está afastada do "estar".

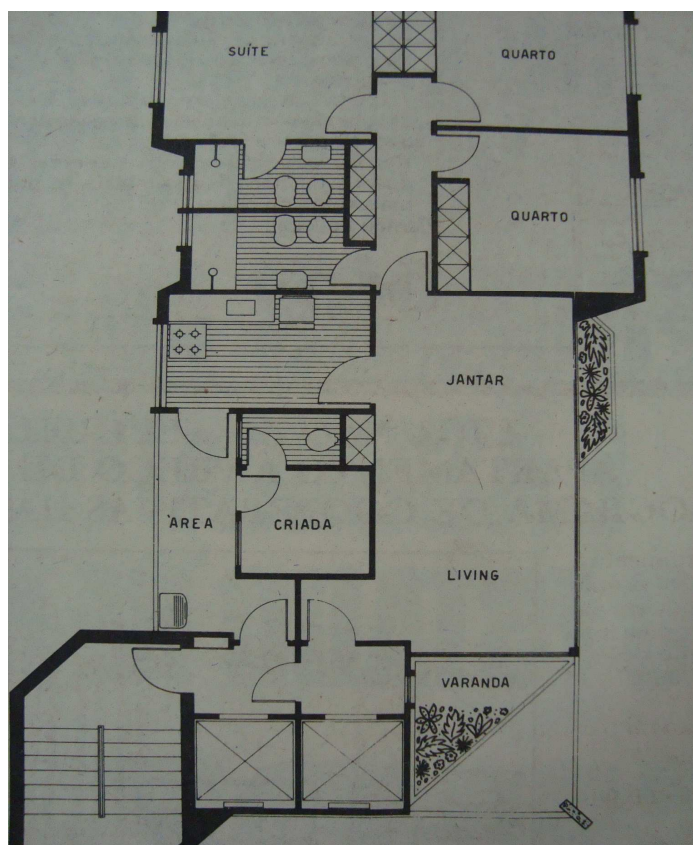


Figura 3: Planta de Apartamento com duas entradas social e serviço.

Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa.

JORNAL ESTADO DE MINAS - MARÇO DE 1970.

³⁰ VASCONCELLOS, Sylvio de. *Arquitetura, arte e cidade: textos reunidos*. Belo Horizonte: Editora BDMG Cultural, 2004, p. 76.

³¹ MORAES, D. de. *Limites do design*. São Paulo: Studio Nobel. 1997.

Na figura 4, a cozinha, despensa, adega, área de serviço e a dependência de empregada se encontram neste projeto totalmente separadas do restante da moradia. A existência de duas entradas, a social e a de serviço reforça este distanciamento.

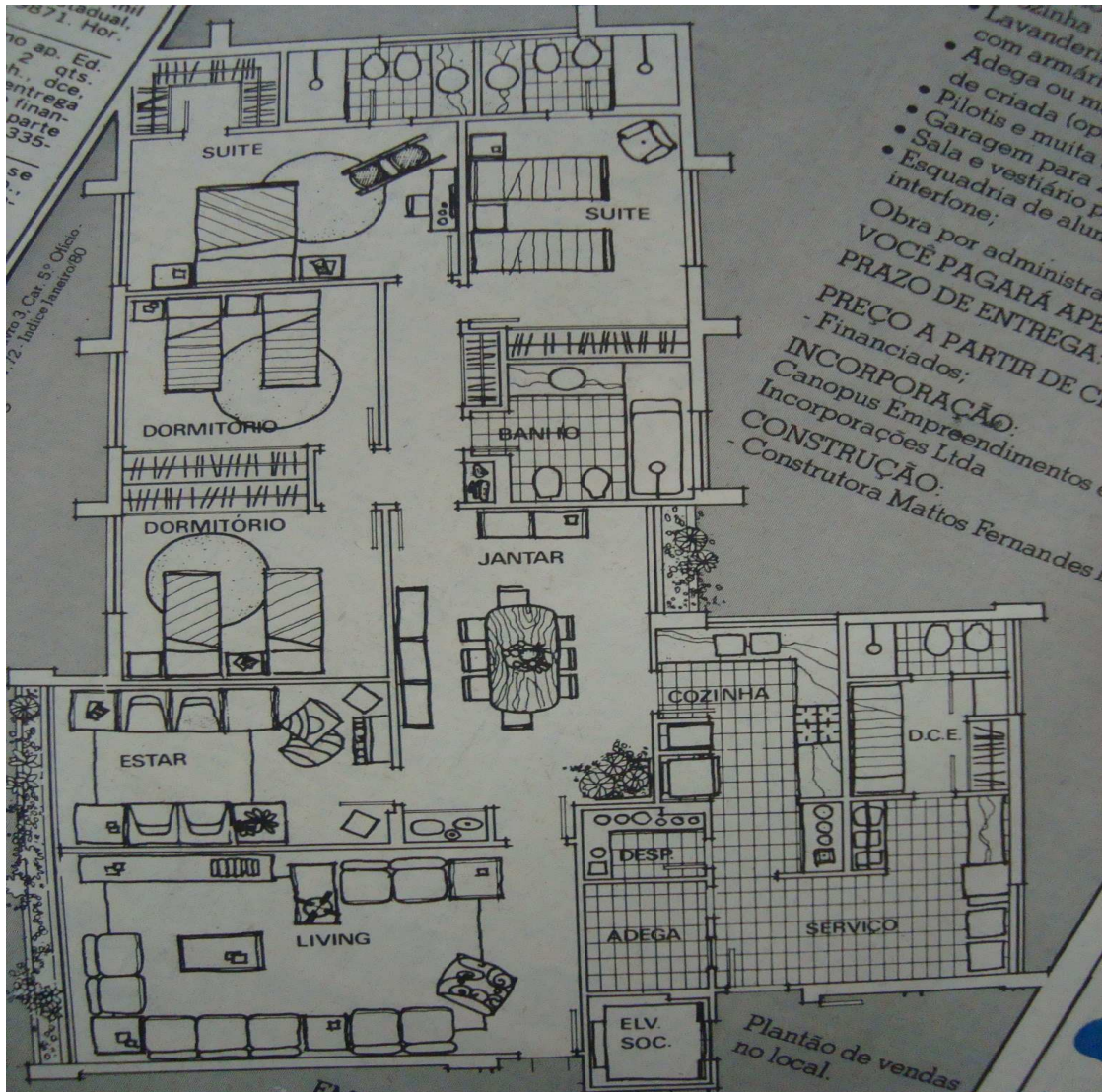


Figura 4: Planta de Apartamento com duas entradas social e serviço, cozinha, dependência completa de empregada (D.C.E.), área de serviço.

Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa.

ESTADO DE MINAS - MARÇO DE 1980.

A figura 5 é um projeto de apartamento também com duas entradas, social e de serviço. A localização da cozinha é distante do "estar". Nesta década os cômodos eram relativamente maiores que os espaços atuais. Pode-se notar a integração "estar", sala de tv e sala de jantar, criando desta forma um ambiente amplo.

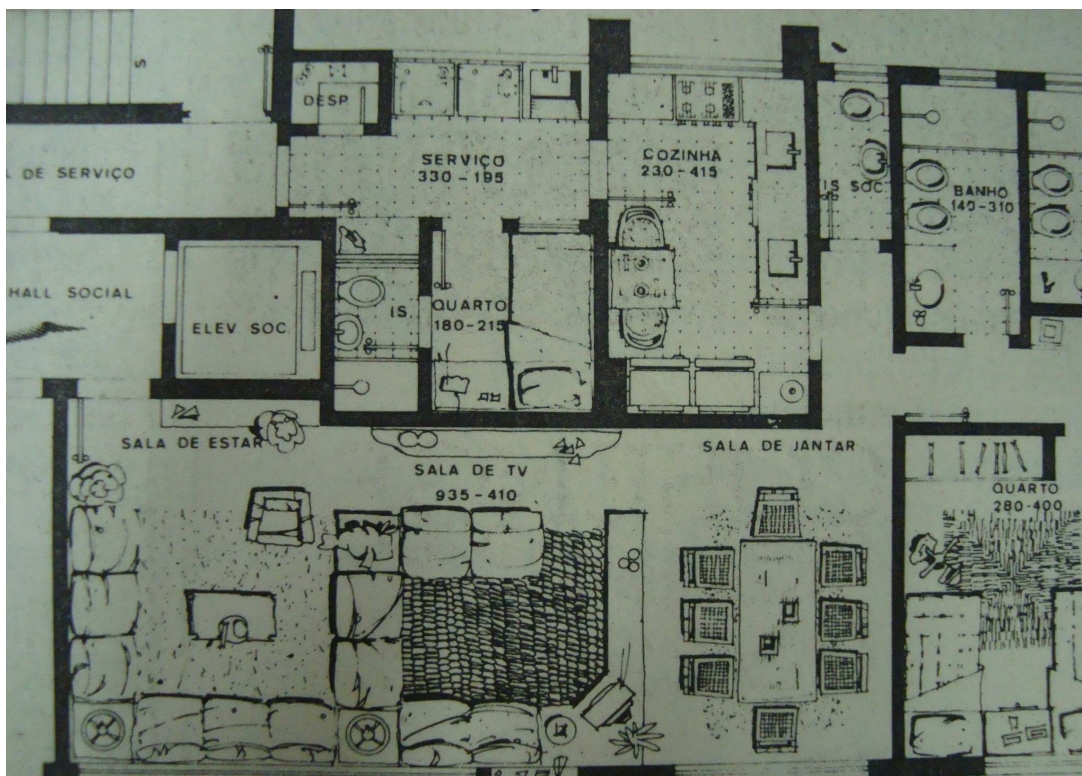


Figura 5: Planta de Apartamento com duas entradas social e de serviço, dependência completa de empregada (D.C.E.), área de serviço.

Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Pública Luiz de Bessa.

JORNAL ESTADO DE MINAS - ABRIL DE 1989.

Após esta abordagem a respeito da cozinha de antes, da cozinha das décadas de 1970 e 1980, conseguimos alcançar o ponto onde a mudança do espaço cozinha começa acontecer. Compreender estas mudanças e perceber o tratamento que este espaço recebe por parte dos empreendimentos imobiliários atuais será possível através do levantamento das plantas da década de 2000. A cozinha adquire novas funções. Agora elas são extensões das salas de estar. As paredes desaparecem e as cozinhas se aperfeiçoam. A maior transformação acontece na conjugação da sala de estar, com a sala de jantar, cozinha e às vezes com a varanda. Criam-se ambientes amplos, onde a família se demora, usufruindo dos espaços que se tornam

de convivência e socialização. Já se recebem mais estranhos e a casa não é mais o refúgio ou o esconderijo que resguarde as aparências.³² A cozinha começa a se tornar o espaço mais importante das moradias, deixando para trás o estigma de lugar de sujidades. O espaço cozinha ganha "status" e sofisticação passando a concorrer com o "estar" das moradias.

Nas Minas Gerais onde nasci o lugar mais importante era a cozinha. Não era o mais chique e nem o mais arrumado. O lugar chique e arrumado era a sala de visitas, [...] Na sala de visitas as crianças se comportavam bem, era só sorrisos e todos usavam máscaras. Na cozinha era diferente: a gente era a gente mesmo, fogo, fome e alegria. (ALVES, Correio Popular, caderno c)³³

Agora o ato de cocção passa a fazer parte da convivência da família e de amigos, e não apenas do ato de comer. A transformação acontece e na década atual, as pessoas convidam os amigos não para jantar ou almoçar, mas sim para cozinhar. O espaço cozinha começa a ser um espaço agregador e de interação.

Faz tempo, num espaço meu, eu gostava de reunir casais amigos uma vez por mês para cozinhar. Não os convidava para jantar. Convidava para cozinhar. A festa começava cedo, lá pelas seis da tarde. E todos se punham a trabalhar, descascando cebola, cortando tomates, preparando as carnes. Dizia Guimarães Rosa: "a coisa não está nem na partida e nem na chegada, mas na travessia." Comer é a chegada. Passa rápido. Mas a travessia é longa. Era na travessia que estava o nosso maior prazer. A gente ia cozinhando, bebericando, beliscando petiscos, rindo, conversando. Ao final, lá pelas onze, a gente comia. Naqueles tempos o que já tinha sido voltava a ser. A gente era feliz. (ALVES, Correio Popular, caderno c).

A área arquitetônica do século 21 já projeta e lança no mercado imobiliário a moradia composta por duas ou mais cozinhas. Será uma demanda do mercado imobiliário contemporâneo? A verdade é que a proliferação das cozinhas é evidente nas moradias. Uma delas é a cozinha de trabalho e as outras são como espaço de convívio social. Nesta cozinha social não se pode negar a primazia do masculino. A cozinha atual não é mais domínio do feminino. Talvez com esta apropriação do masculino possa ter gerado no campo imobiliário, os novos espaços gastronômicos e as ênfases dados a estes espaços pelos empreendimentos imobiliários. A cozinha agora ganha novas nomenclaturas e passa a ser o alvo das campanhas de lançamentos imobiliários atuais. Cozinha avançada, espaço gourmet, cozinha americana ampliada, cozinha de estar, varanda gourmet esses são os novos nomes

³² VASCONCELLOS, Sylvio de. Arquitetura, arte e cidade: textos reunidos. Belo Horizonte: Editora BDMG Cultural, 2004, p. 76.

³³ ALVES, Rubem. A casa de Rubem Alves. Correio Popular, caderno C. Acesso em: 07 nov. 2010.

da velha cozinha. Os novos espaços da cozinha são trabalhados no sentido de torná-la bastante atrativa. É concebido um ambiente limpo, bonito, cheio de tecnologia a ponto de ocorrer a troca da sala de estar pela cozinha e a mesma se transformar em verdadeiro espaço de receber. Tendências? Escolhas? A certeza é que esta mudança está ocorrendo e pode ser comprovada pelas plantas dos lançamentos imobiliários atuais.

Na figura 6 o projeto é de um apartamento com sala estendida, varanda gourmet integrada à cozinha americana. Nesta planta, não há divisórias físicas, havendo total vinculação entre o "estar", o "jantar", a cozinha e a varanda gourmet. Na propaganda imobiliária há destaque para a cozinha americana e o espaço gourmet. Neste empreendimento é previsto apenas uma entrada social/serviço.



Figura 6: Edifício Greenwich Village.

Av. Silva Lobo, esquina com Rua Xapuri. Bairro Grajaú - Belo Horizonte.

Fonte: Lançamento Imobiliário da Construtora Novolar/Patrimar do ano de 2010.

Na figura 7 a cozinha está interagindo com a sala de jantar. Há também nesta planta uma varanda gourmet que se vincula com o "estar". Esta varanda gourmet é o novo espaço agregador surgido nesta década de 2000. Então temos duas cozinhas. A cozinha do dia a dia e a cozinha da sociabilidade. A localização das duas cozinhas não é mais no final da moradia e sim na parte central integrada com a área social. Há também duas entradas, a social e a de serviço.



Figura 7: Edifício San Diego.

Rua Maria Heibult Surette, 1404 - Bairro Buritis - Belo Horizonte.

Fonte: Lançamento Imobiliário da Construtora Solimob do ano de 2010.

Na figura 8, a varanda gourmet está integrada com a cozinha do dia a dia e com o espaço de jantar. O home cine, o "estar" e o "jantar" estão vinculados e consequentemente o mesmo acontece com a varanda gourmet. Novamente os empreendimentos imobiliários dão ênfase aos espaços cozinha e gourmet. A presença de mais de uma cozinha se faz uma constante nesses lançamentos, transformando-as em um diferencial nas moradias. Neste empreendimento há apenas a entrada social.



Figura 8: Edifício Mirante do Sol.

Av. Professor Mário Werneck - Bairro Buritis - Belo Horizonte.

Fonte: Lançamento Imobiliário da Construtora Solimob do ano de 2010.

Na figura 9, os espaços são integrados. Percebe-se novamente que não há divisórias físicas na área de "estar" e "jantar", a não ser a divisória de vidro da varanda gourmet. Os espaços são amplos. A cozinha está vinculada com a varanda gourmet e a uma pequena área (copa) de refeições rápidas. São duas entradas, a social e a de serviço. Mais uma vez a ênfase neste empreendimento imobiliário é dada na divulgação da integração da cozinha com a varanda gourmet.



**Figura 9: Condomínio Resort Edifício Enjoy Residence.
Rua Estácio de Sá, 167. Bairro Gutierrez - Belo Horizonte.
Fonte: Lançamento Imobiliário da Construtora MASB do ano de 2010.**



Figura 10: Perspectiva de uma das varandas gourmet do Condomínio Resort do Edifício Enjoy Residence. Rua Estácio de Sá, 167. Bairro Gutierrez - Belo Horizonte. Fonte: Lançamento Imobiliário da Construtora MASB do ano de 2010.



Figura 11: Perspectiva de um espaço gourmet do Condomínio Resort do Edifício Enjoy Residence. Rua Estácio de Sá, 167. Bairro Gutierrez - Belo Horizonte. Fonte: Lançamento Imobiliário da Construtora MASB do ano de 2010.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O espaço cozinha foi abordado buscando encontrar respostas às mudanças ocorridas, que o transformaram de um espaço de segregação em um espaço de sociabilidade. A cozinha que antes situava nos fundos das moradias, não recebia tratamento adequado, tanto no que se refere aos materiais de revestimento quanto quem a frequentava. Era relegada a segundo plano, gerando um contraponto já que o primordial para a sobrevivência é a alimentação. A cozinha de antes era um lugar de sujidades, escura, enegrecida pela fuligem dos fogões à lenha, talvez justificando a sua localização no fundo das moradias.

Surge então a nova cozinha, que alcança nos dias de hoje, destaque nas moradias. Com o avanço tecnológico dos eletrodomésticos, o desaparecimento do fogão à lenha e o uso de materiais nobres de revestimento estimularam a mudança do espaço cozinha de hoje, angariando a sofisticação, funcionalidade, higienização e novas nomenclaturas. O espaço agora se torna um lugar de socialização. O layout da cozinha sofre modificação, indo se integrar ao social das moradias. Com este novo tratamento dado ao espaço cozinha, ele se multiplica gerando uma proliferação de cozinhas em uma mesma moradia.

Percebe-se que essa nova cozinha se mostra presente em bairros diferenciados em Belo Horizonte. A pesquisa acusa que a nova cozinha está presente em bairros nobres e em bairros com populações de menor poder aquisitivo. O que estaria motivando esta transferência do espaço cozinha para o "estar" das moradias? Quais seriam os valores ou comportamentos envolvidos nesta mudança? Seria uma tendência? Há muitos questionamentos gerados na valorização do espaço cozinha. Entretanto, após toda esta consideração, apenas podemos afirmar, que atualmente a cozinha deixa de estar em segundo plano para ser tratada como o espaço de convivência e de degustação familiar-social das moradias.